

CONSIDERAÇÕES SOBRE O PAPEL DA EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Gabriel Vinicius Andrade Carvalho - UFAL
gabrielviniciusandrad@gmail.com

Natanael Robson Bezerra Felix - UFAL
bezerran558@gmail.com

Erick Vinicius Barbosa dos Santos - UFAL
Erick.santos@delmiro.ufal.br

1 INTRODUÇÃO

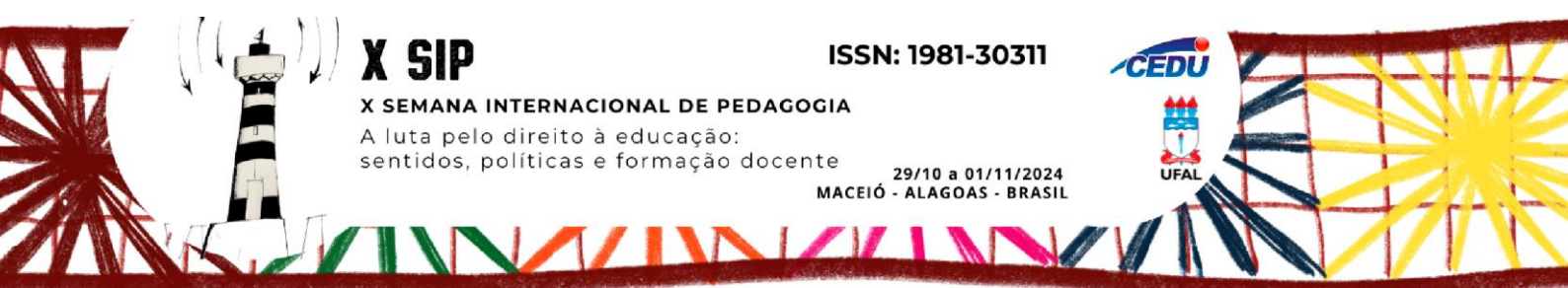
A identidade étnico-racial é fundamental na formação da personalidade de crianças e adolescentes, especialmente em um país como o Brasil, cuja riqueza cultural e racial é imensa. No entanto, o racismo estrutural e as desigualdades históricas continuam a marginalizar minorias, impactando sua autoestima e limitando suas oportunidades. Nesse cenário, a educação assume um papel transformador. A escola precisa ser um espaço que valorize as diferenças e combata as desigualdades. Ao formar indivíduos mais conscientes e preparados para atuar em uma sociedade mais justa, a escola se torna essencial na construção de identidades étnico-raciais.

A diversidade étnico-racial do Brasil, embora seja uma das grandes riquezas do país, ainda convive com o racismo e a exclusão de grupos minoritários, o que afeta negativamente a autoestima e a identidade dessas pessoas. Nesse contexto, a educação surge como uma ferramenta poderosa para transformar essa realidade, promovendo a conscientização sobre questões raciais e valorizando a diversidade.

2 OBJETIVOS

Refletir sobre a influência do ambiente escolar na construção da identidade étnico-racial de crianças e adolescentes, considerando a legislação vigente, o Estatuto da Igualdade Racial e as Diretrizes para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Apreendendo a práxis educativa na promoção de uma educação antirracista e inclusiva, fortalecendo o sentimento de pertencimento e formando cidadãos críticos.

3 METODOLOGIA



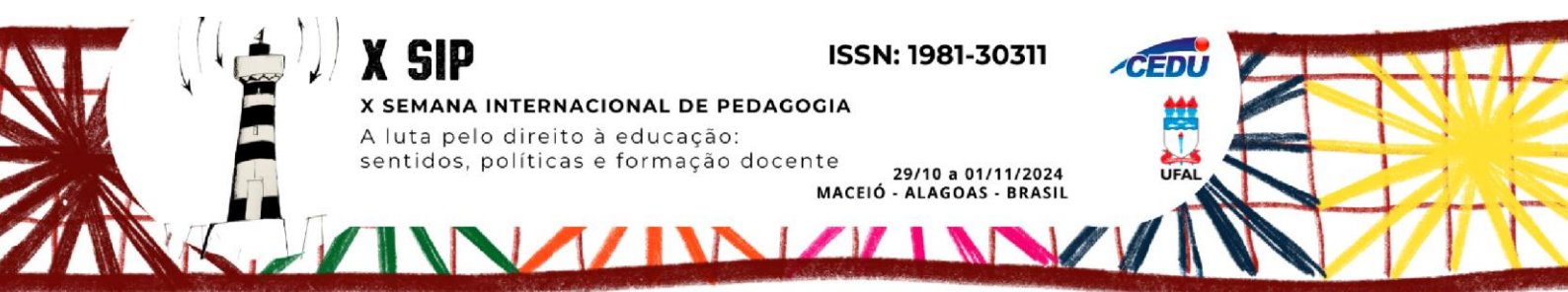
As discussões em torno deste tema apareceram a partir de estudos e pesquisas realizados no Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero, Igualdade e Reprodução Social (GENIR). O interesse pela categoria de igualdade étnico-racial e reprodução social despertou o desejo de aprofundar a questão do pertencimento identitário e os desafios enfrentados pela educação nesse contexto. Nesse sentido, por meio de uma revisão bibliográfica embasada em autores como Boccato (2006) e Sousa, Oliveira e Alves (2021, p. 65), o estudo bibliográfico é um componente essencial da pesquisa científica, pois fornece um “conjunto de informações e dados contidos em documentos impressos, artigos, dissertações, livros publicados” que são fundamentais para a fundamentação e análise dos temas investigados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A identidade étnico-racial é construída ao longo da vida, por meio das interações sociais, desde a primeira infância no convívio familiar e comunitário. A escola, como um espaço de socialização secundário, desempenha um papel crucial nessa construção. De acordo com Panta; Silva (2024, p. 11) o espaço escolar pode potencializar as dificuldades enfrentadas pelos/as estudantes negros/as, as violências e violações de direitos no âmbito étnico-racial vão desde as ações e omissões institucionais, como a “discriminação praticada por professores”, até a “falta de iniciativa destes mediante situações de racismo, até os confrontos com colegas que os discriminam, circunstância que restringe suas possibilidades de sucesso escolar, desestimula sua permanência e intensifica sua evasão”. Ao mesmo tempo, sem a participação da escola na desconstrução de estereótipos e paradigmas dominantes, não há condições de erradicar o racismo no meio educacional.

Durante a infância e adolescência, os indivíduos buscam compreender sua identidade e seu lugar no mundo. Uma educação baseada em valores de equidade e respeito à diversidade oferece o suporte necessário para que os jovens desenvolvam uma identidade étnico-racial positiva. Por outro lado, um ambiente escolar que ignora ou reproduz padrões racistas e eurocêtricos pode gerar sentimentos de inferioridade e rejeição da própria identidade.

Ao buscar promover uma identidade étnico-racial positivada, deve se comprometer com a promoção de uma educação antirracista, incorporando práticas



pedagógicas que valorizem a diversidade cultural e racial. Isso envolve o uso de materiais didáticos que representem positivamente as populações negras e indígenas, a discussão sobre racismo e discriminação, e a formação contínua de professores para abordar essas questões de forma ética e responsável.

Identidade étnico-racial: um constructo social

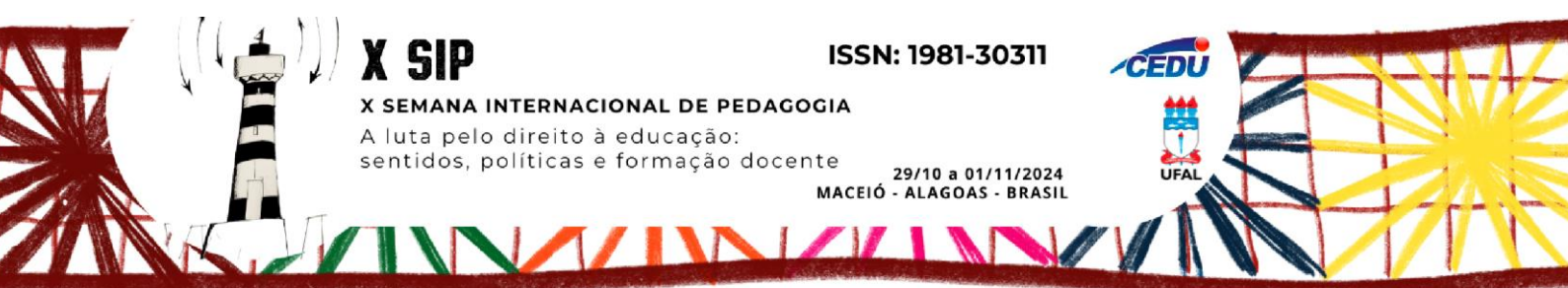
A identidade de modo geral é um constructo social constituído historicamente, ela se institui na relação com a diferença. Portanto, a igualdade precisa das dimensões de semelhança e diferença para se objetivar, nos indivíduos isto se dá na relação com os outros, no estabelecimento de semelhanças entre os demais membros de seu grupo e na definição de diferenças entre si os elementos dos demais grupos. Na mesma perspectiva a identidade étnico-racial é um aspecto fundamental na formação do indivíduo, resultando de um processo contínuo que envolve a autopercepção e as relações sociais.

Conforme Nilma Lino Gomes (2003), essa identidade é moldada pelas interações com os demais e influenciada por experiências de cunho social, político, cultural e afetivo. Logo, o pertencimento a um determinado grupo étnico-racial ultrapassa a mera questão biológica, sendo construído ao longo da vida, especialmente no ambiente escolar, onde se iniciam as primeiras percepções sobre si mesmo e sobre os outros. A construção da identidade é um processo que envolve autodescobertas e afirmações, mas também conflitos e tensões, sobretudo, quando o pano de fundo deste processo é a sociedade desigual.

No caso da identidade negra, desde a primeira infância os indivíduos são submersos em um contexto de construção de estereótipos, preconceitos e discriminações, que vão sendo internalizados nas brincadeiras, na manipulação de brinquedos, nas relações com familiares e amigos, e vão sendo gradualmente ensinados a reproduzir socialmente esse padrão de relações e autopercepções como sendo o universal.

A educação como instrumento de afirmação da identidade étnico-racial

Diante dessa realidade, a escola emerge como um espaço privilegiado para promover o reconhecimento e o respeito às diversas identidades étnico-raciais,



fortalecendo assim a autoestima dos estudantes. Nessa perspectiva, autores como Kabengele Munanga (2004) e Petronilha B. Gonçalves e Silva (2007) enfatizam a estreita relação entre a construção da identidade étnico-racial, a justiça social e a luta contra o racismo, bem como a valorização das culturas de origem africana, indígena e de outros grupos historicamente marginalizados. Munanga defende que a educação antirracista é crucial para o desenvolvimento de uma identidade positiva e saudável em crianças e adolescentes negros, Petronilha Gonçalves por sua vez fez a defesa de políticas educacionais afirmativas no âmbito do Conselho Nacional de Educação.

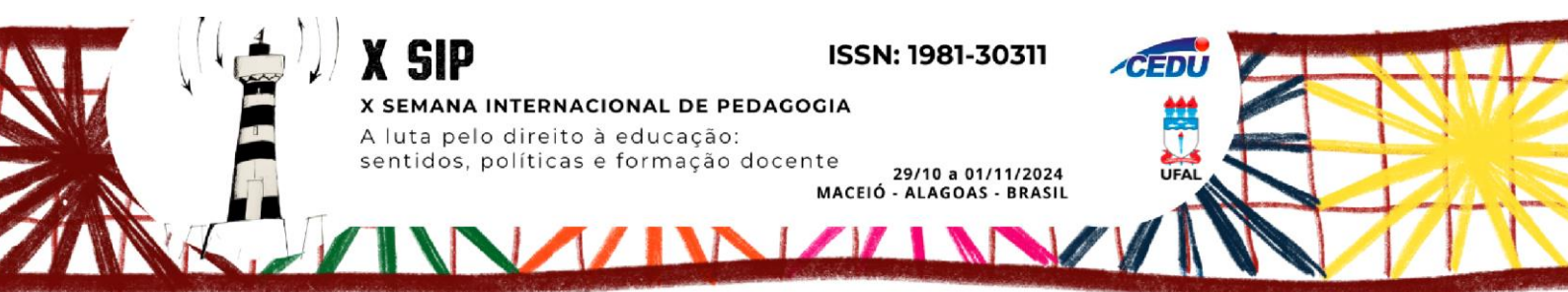
Diante da negação da negritude, a escola assume um papel crucial na desconstrução de estereótipos negativos associados à identidade negra, desta forma precisa trazer para o conteúdo escolar outra perspectiva que não seja apenas a visão eurocêntrica, que apaga e distorce a história nos currículos escolares e que por consequência gera uma baixa autoestima e desvalorização da própria identidade.

Disto resulta que muitos/as jovens tendem a se distanciar ao máximo da sua negritude, seja por meio de alisar o cabelo desde cedo ou por meio de procedimentos estéticos, para suavizar/invisibilizar/apagar suas marcas identitárias e assim tentar se sentirem mais valorizados/as. A escola precisa educar sobre o racismo e suas consequências, mas também estimular um olhar crítico sobre a história e a cultura, promovendo o diálogo e valorizando a diversidade étnico-racial, refletindo positivamente sobre a história e cultura afro-brasileira, africana e indígena e seu legado no mundo. Assim, os estudantes poderão desenvolver uma compreensão mais profunda de si e do mundo.

O papel da Educação para as Relações Étnico-raciais – EREER

A Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) é uma iniciativa essencial para promover a compreensão, o respeito e a valorização das diversas identidades étnico-raciais na sociedade. No entanto, sua implementação enfrenta vários desafios que precisam ser superados para que seu potencial seja plenamente realizado.

Um dos principais desafios enfrentados pela EREER é a resistência cultural e institucional à discussão de questões raciais nas escolas. Muitas vezes, temas relacionados à raça e à diversidade étnico-racial são abordados de forma superficial



ou são apagados do currículo escolar. Essa resistência geralmente está ligada ao desconhecimento ou ao desconforto em lidar com questões que expõem desigualdades e preconceitos profundamente enraizados na sociedade, isto se potencializa quando se trata do segmento quilombola, neste sentido, educação quilombola, precisa se aliar a EREER na afirmação da representatividade negra:

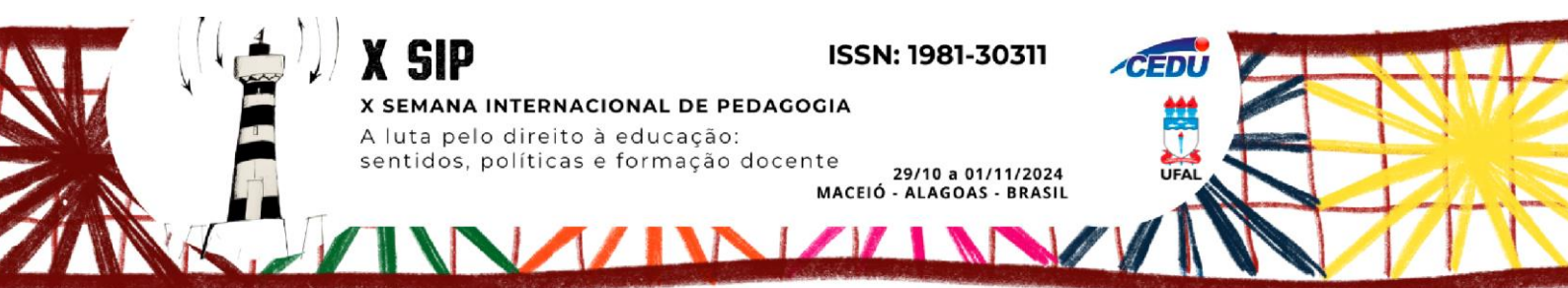
É importante evidenciar ainda, que a educação quilombola faz com que as crianças negras/quilombolas se auto identifiquem e tenham orgulho de serem quilombolas, pois desde cedo aprenderão a importância da autoaceitação e dos seus ancestrais, fazendo com que aceitem-se ser quem são, descubram suas histórias, por isso, é de suma importância que os professores promovam discussões, debates, rodas de conversa com assuntos relacionados ao racismo, preconceito, discriminação e sobre as relações étnico-raciais para que de forma coletiva possa-se construir uma educação escolar antirracista nas ações pedagógicas e administrativas da escola (Santos; Santos, 2023, p. 131).

É importante destacar que as autoras distinguem Educação Escolar Quilombola de Educação Quilombola, e no trecho acima elas se referem a educação quilombola em seu sentido lato, na compreensão crítica da educação antirracista. Esse é um grande desafio e ao mesmo tempo uma grande possibilidade da EREER, a promoção de discussões e debates no interior da escola com os profissionais da educação, pois, para educar crianças e adolescentes a partir dos princípios da EREER, é preciso antes educar os educadores.

Educadores muitas vezes não são preparados para lidar com questões étnico-raciais de forma crítica e informada, resultando em falta de habilidade para promover igualdade e diversidade cultural. O currículo eurocêntrico nas escolas dificulta a inclusão de conteúdos étnico-raciais diversos, perpetuando estereótipos. A formação de professores em paralelo com a formação de crianças adolescentes é grande aposta para que a EREER é essencial para promover a inclusão e valorização da diversidade, criando ambientes mais acolhedores e equitativos para todos os alunos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto até aqui, se conclui que a EREER é a grande proposta para formação da identidade de crianças e adolescentes, neste sentido, a capacitação de professores é fundamental para o sucesso da EREER. Investir na formação continuada dos educadores em temas relacionados à diversidade étnico-racial permite que eles



lidem com questões complexas de forma mais confiante e eficaz, transformando sua prática pedagógica.

Além disso, o uso da tecnologia e da inteligência artificial abre novas oportunidades para a EREER, pois, as ferramentas tecnológicas podem ser empregadas para criar materiais didáticos interativos e adaptativos que abordem a EREER de maneira envolvente e personalizada, auxiliando os professores na tarefa de educar para a diversidade, valorizando a diversidade cultural em seus conteúdos, com isso a escola resgata narrativas esquecidas, promovendo uma memória coletiva mais justa e completa. Não apenas empoderando as identidades negras, mas também, dando visibilidade a representatividade negra nos espaços de poder para que as novas gerações tenham referências positivas a seguir e tenham orgulho de serem quem são. Ao abordar temas como empatia, respeito e justiça social, a EREER contribui para o desenvolvimento de competências socioemocionais e prepara os alunos para viver em uma sociedade plural.

REFERÊNCIAS

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. Rev. Odontol. Univ., Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

GOMES, Nilma Lino. A identidade étnico-racial e a educação: o debate das cotas e a lei 10.639. Revista Brasileira de Educação, n. 23, p. 106-118, 2003.

Munanga, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Vozes, 2000.

PANTA, Mariana; SILVA, Maria Nilza da. Os impactos do racismo na trajetória de estudantes do ensino médio: experiências e percepções de negros e brancos. Sociologias, Porto Alegre, volume 26, 2024, e-soc130382, p. 1-31. Disponível em <https://www.scielo.br/j/soc/a/Gbmtqq3YrxkZpFvjVrv4zXB/>, acesso em setembro de 2024.

SILVA. Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. Revista Educação Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 489-506, set./dez. 2007.

SANTOS, S. G. da C. dos; SANTOS, M. R. N. dos. Educação escolar quilombola: desafiando o ensino regular. Revista em favor de igualdade racial, Rio Branco –Acre, v. 6, n.1, p., jan-abr. 2023.

SOUSA, A. S de; OLIVEIRA, G. S.; ALVES, L. H. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. Cadernos da Fucamp, v.20, n.43, p.64-83/2021.